

A tradição intercultural da língua alemã na Amazônia e o desafio contemporâneo da licenciatura

João Jairo Moraes Vansiler
Nair Daiane de Souza Sauaia Vansiler

1. Introdução

Muitos povos colaboraram com a formação do que hoje conhecemos como Amazônia. Gostamos de pensar em *confluências* para um fluxo intermitente de atores encenando um drama em um palco cujo cenário não cessa de se transformar. Trata-se de uma relação em construção, que conta com a presença da língua alemã através de falantes de várias nacionalidades desde o século XVI, influenciando e se deixando influenciar por uma Amazônia plural, numa via de mão dupla, resultando em um patrimônio cultural mútuo que precisa ser melhor compreendido e divulgado.

Inicialmente, como qualquer outro povo europeu seduzido pelas narrativas de bonança infinita, o aqui chamado genericamente por alemães¹

1 É necessário esclarecer que utilizamos a compreensão de alemães utilizada pelo historiador Fernando Aymoré, a qual mesmo em contexto diferente emoldura bem a

estavam interessados numa riqueza imensurável de um *El Dourado* possível, que se traduzia na busca por, principalmente, acúmulo de riquezas por meio de metais preciosos. Em seguida, esses exploradores, pela força da expansão científica dos séculos XVIII e XIX, foram compreendendo outras riquezas, dentre elas a simbólica, que também pudessem explicar muitas de suas inquietações no âmbito das ciências naturais e humanas.

Quando pensamos em uma determinada cultura, imaginamos um conjunto de valores, crenças e elaborações que definem e direcionam uma sociedade. Há nesse ponto de vista uma imagem insular circunscrita por uma ideia comum, idem, que no fim ao cabo envolvem os habitantes em torno, por exemplo, de uma língua, de uma culinária, de uma vestimenta, de um modo peculiar de sentir a vida de forma solidária justamente pelo compartilhamento desses valores que lhes dão o sentido de comunidade. No entanto, com a globalização, ou expansão de ideias e mercadorias iniciadas com as chamadas “grandes navegações” europeias no século XV, impôs-se ao globo o desafio da relação necessária. Este caráter relacional se coloca sempre de modo tenso e assimétrico, indo desde uma prova literal do estrangeiro por meio do canibalismo, do estético por meio da antropofagia, chegando até o câmbio das frenéticas bolsas de valores contemporâneas.

Assim, as distâncias foram diminuindo entre povos e línguas até se inter cruzarem, criando uma zona liminar provisória, em que ambos se experimentam e se nutrem um do outro, mas também se estranham muitas vezes, em um curto circuito, expondo feridas abertas, não cicatrizadas pela necessária violência que a presença do outro – do estrangeiro – suscita à estabilidade habitual que o próprio, em seu senso comum, vivencia com seus pares.

nossa visada, segue: “O termo *alemão* [...] é uma deturpação. Em comum tinham esses missionários de pertencer à Assistência Germânica da *Societas Jesu*, que se estendia na Europa Central, durante os séculos XVII e XVIII, dos Países Baixos (Bélgica, Holanda e Luxemburgo), aos territórios da Alemanha, Suíça, Áustria, Hungria, Eslováquia, República Checa, Polônia e Croácia, englobando, em sua maior parte, os reinos da remota dinastia de Habsburgo, assim como os territórios do extinto Sacro Império Romano de Nação Germânico. Eram alemães nesse sentido do termo, que nada tem a ver com as nacionalidades atuais”. (AYMORE, 2013, p. 41).

Desse modo há um reconhecimento da diversidade cultural nesse mundo cada vez mais interrelacional, em que os dados culturais são fontes de afirmação da razão existencial do outro, que no fundo é seu semelhante. Portanto, o conceito de interculturalidade que aqui defendemos é também um campo confluyente de ideias que visam reivindicar e transformar a realidade vivida. Nesse sentido, ainda é um desafio pensar novas formas de tolerância da simples presença do outro no convívio com o próprio, seja por razões de escolha autônoma ou coercitiva impostas por êxodos refugiados.

A compreensão da necessidade de se construir um novo homem dentro de um enquadramento formal sob a denominação de humanidade exigiria um senso de proteção de uma riqueza *comum*, alicerçada pela ideia necessária de formação da humanidade (*Bildung der Menschheit*) através da universalização dos bens culturais. Os registros e relatos de viagens a essa região pelos alemães apontam uma troca de bens desde o século XVII. Assim, no século XX, esta relação está consolidada, mas com lacunas e aporias que desafiam esse início de novo século, como é o caso do ensino e aprendizagem do idioma alemão.

Nesse tocante, algumas instituições figuram na Amazônia brasileira, em especial em Belém, como pontos importantes de contato de diversos interesses (educacional, econômico, científico, etc.). Atualmente a cultura e língua alemãs têm no curso de Licenciatura em Letras com habilitação em língua alemã (doravante Licenciatura em alemão) um ponto de importante contato científico e de ensino entre dois mundos: o alemão e o brasileiro. O ensino de alemão na Universidade Federal do Pará (UFPA) já existe há pelo menos 40 anos, e desde 2004, esse esforço ganhou *status* de um curso de Licenciatura em Letras com habilitação em língua e literatura alemãs, o qual apresenta anualmente cerca de 25 egressos. Contudo, a disparidade entre o número de alunos que iniciam o curso de Licenciatura em alemão na Universidade Federal do Pará (UFPA) e o número de formandos sempre foi um dado² que muito nos chamou atenção.

2 No período entre 2005 e 2010, em média 25 alunos ingressaram e cinco formavam-se anualmente no curso em questão. Dados obtidos na Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas.

Sendo assim, o presente texto traz uma reflexão em torno desses séculos de relação e trocas de bens (culturais, científicos e de formação), para compreender a importância do alemão para a formação amazônica, e assim, encarar o lugar de uma Licenciatura em Alemão nesta região como uma grande fomentadora de pesquisa entre dois mundos.

2. O Regional e o Universal

Diversos foram os povos que passaram por essa região identificada hoje como Amazônia, inclusive com muitas teorias inusitadas a respeito do fluxo ancestral que alimentaram, e ainda nutrem, diversos mitos sobre a região. Na realidade, a verdade que prevalece no momento é contada pelos vencedores, resultante da corrida imperialista ibérica na qual os espanhóis e os portugueses, principalmente, planejaram suas expansões marítimas pelo novo mundo. Depois de conquistarem os territórios Incas, Astecas e Maias, os espanhóis sonhavam em encontrar o *El Dourado* (a terra das Amazonas). Por volta de 1541-1542, Francisco de Orellana adentrou com sua esquadra em Quito (Equador) e foi até Macapá (Brasil), percorrendo toda a extensão do rio Amazonas, 6.692³ km.

Quando os europeus chegaram à Amazônia, havia cerca de 15 milhões de habitantes ao longo do grande rio. Wille Bolle (2010)⁴, lendo comparativamente os registros deixados pelos exploradores, principal-

3 A extensão do rio Amazonas, segundo pesquisa recente do INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, ultrapassa em 140 km o rio Nilo, que até então era considerado o maior em extensão. Ver detalhes em <http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=1501> (Acesso em: 29.01.2014).

4 Em pesquisa recente o professor Willi Bolle, da Universidade de São Paulo, fez o mesmo trajeto de Orellana, descrito nas crônicas de Carvajal, a fim de traçar outra topografia discursiva sobre a Amazônia em confronto com a atualidade. Publicou com o título “A travessia pioneira da Amazônia (Francisco de Orellana, 1541-1542)” no volume *Amazônia: região universal e teatro do mundo*, de sua organização conjuntamente com Edna Castro e Marcel Vejmelka. Este volume também teve uma edição alemã, que se chamou *Amazonien – Weltregion und Welttheater*.

mente os de Gaspar de Carvajal, padre jesuíta e também cronista da expedição de Orellana, diz-nos:

Aqui tratamos da primeira travessia da Amazônia realizada por europeus, na época em que a Espanha começou a realizar o seu projeto de expansão global. Nesse contexto aconteceu, em 1541-1542, a viagem de descobrimento empreendida por Francisco de Orellana, comandando uma tropa de 57 homens. Essa expedição foi qualificada pelo historiador Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés (1855, p. 383) como “um dos maiores feitos jamais realizados pelos homens”. A partir desse feito, o rio “[das] Amazonas” e a região receberam o seu nome definitivo, começaram os projetos de colonização e se engendraram as principais outras viagens de exploração. (BOLLE, 2010, p. 19).

Bolle refletindo a partir da leitura do texto de Carvajal acentua que:

O intenso povoamento ao longo do rio Amazonas é um índice de farturas de recursos: águas com abundância de peixes e tartarugas, florestas ricas de frutos e caça, terras extensas e apropriadas tanto para o cultivo quanto para a criação de gado. A percepção destas riquezas provocou no comandante e no seu cronista uma espécie de sonho de futura colonização. (Idem, p. 46).

O retorno glorioso sonhado por Carvajal não se concretizou, pois dentre muitos insucessos espanhóis na travessia do Atlântico, o comandante e seus homens foram vencidos definitivamente pela fome, doenças e flechadas de índios, em 1545, na foz do rio Amazonas ou “boca do rio grande” como gosta de dizer Bolle. Durante quase um século de tentativas desastrosas empreendidas por novos exploradores franceses, holandeses e ingleses, foram os portugueses quem impuseram o marco decisivo da conquista da região, com Francisco Caldeira Castelo Branco, fundador da cidade de Belém, erguida na entrada da bacia amazônica, em 1616. Os portugueses já vinham expulsando os franceses do Maranhão, sob o comando de Pedro Teixeira, capitão-mor da capitania do Grão-Pará.

A partir desta pequena história, podemos resumir que o mito das Amazonas⁵, traduzindo um modo de vida dos autóctones à beira do rio homônimo, serviu para justificar a atuação imperialista europeia na criação das novas condicionantes que serviriam de base para alimentar um imaginário mitológico sobre a região, ou seja, o seu projeto colonialista, que até hoje persiste. Ora, os europeus, ao nomearem este rio como sendo o rio “das Amazonas”, basearam-se em seu próprio imaginário mitológico e acreditaram/sonharam ser este lugar naturalmente seu. Esse imaginário era fantasmagoricamente sedutor, pois

sustentados pela autoridade da antiga mitologia grega, o projeto de colonização de Orellana, formulado por Carvajal, constituía uma bem elaborada “construção discursiva” – bastante persuasiva para poder despertar em algumas centenas de europeus o gosto de colonizar a Amazônia (BOLLE, 2010, p. 48).

A primeira exploração científica da Amazônia iniciou-se no século XVIII com o francês Charles-Marie de La Condamine (1701-1774), que elaborou o primeiro mapa científico do Amazonas, em 1743. A atitude de suposta supremacia dos europeus sobre os indígenas transcorreu durante três séculos, reaparecendo no século XIX, ainda com um olhar etnocêntrico, por exemplo, na conduta dos etnólogos e biólogos como Alexander von Humboldt (1769-1859), Von Martius (1794-1868), Henry Walter Bates (1825-1892) e Paul Ehrenreich (1855-1914). Somente na virada do século se verá uma mudança na percepção científica europeia, encabeçada pela etnografia, digamos, mais reflexiva sobre a região e o seu povo. Esta conduta precipitará um novo paradigma

5 “As Amazonas (em grego antigo Ἀμαζόνες, trad. Amazónes) eram as integrantes de uma antiga nação de guerreiras da mitologia grega. Heródoto as colocou numa região situada às fronteiras da Cítia, na Sarmácia. Entre as rainhas célebres das amazonas estão Pentésiléia, que teria participado da Guerra de Tróia, e sua irmã, Hipólita, cujo cinturão mágico foi o objeto de um dos doze trabalhos de Hércules. Saqueadoras amazonas eram frequentemente ilustradas em batalhas contra guerreiros gregos na arte grega, nas chamadas amazonomaquias.” Fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Amazonas_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Amazonas_(mitologia))> (Acesso em: 20.11. 2013).

que sustentará os trabalhos abissais de nomes como Constant Tastevin (1880-1962) e Curt Niemuendaju (1882-1945), no sentido de proteção, demarcação do território espacial e linguístico do povo indígena sobrevivente na Amazônia⁶.

Bolle e Pinto (2013), em um artigo intitulado *O fascínio pela Amazônia: de Martius e Nimuendajú*, apresentam com detalhes as expedições na Amazônia brasileira por falantes do alemão, seus encantos com a fauna, flora, mitos, línguas e culturas, disponibilizando também um arquivo de pinturas e gravuras realizadas pelos viajantes, o que justifica o que eles intitulam *fascínio*.

Nesse sentido, não há como se pensar que a Amazônia, na sua gênese discursiva moderna, já não nasça universal, ou seja, uma *Weltregion* (região universal), e as crônicas dos homens de letras da época (principalmente os clérigos) narraram o “primeiro ato” do drama encenado neste *Welttheater* (teatro do mundo), constituindo-se no primeiro registro literário ficcional, mesmo que se queira documento: um documento de cultura – um documento de barbárie. Daí para frente, o que se viu foram ficções sobre a *ficção* de um lugar considerado hoje como “patrimônio da humanidade”. Essa narrativa não cessa de ser reescrita ao sabor do tempo, expondo as sutilezas das línguas em contato. Para efeito de concisão, tomamos como moldura a chamada Amazônia legal ou Amazônia brasileira, mais precisamente a cidade de Belém, capital do Estado do Pará, que nos serve de amostra da presente reflexão.

3. A virada no Século XXI

Com o aqui exposto quanto às relações e trocas entre as línguas alemã e portuguesa na Amazônia brasileira, desde pelo menos o século XVI, Belém se constitui hoje em um importante polo disseminador

6 Transcrevemos a nota 8 em Bolle (2006, p. 46), que diz respeito à densidade demográfica da região quando os europeus chegaram: “Sobre o despovoamento da Amazônia desde o início do século XVII, cf. Porro, 1992, p. 8. Antes do contato com os europeus, de acordo com pesquisas recentes, a região teve uma população de aproximadamente 15 milhões de pessoas (cf. SLATER, 2002, p. 10 e p. 226-227, nota 19)”.

e promotor dessa cultura compartilhada. Em especial a Licenciatura em alemão da UFPA sustenta bases para a fomentação dessas relações. Desde o início de suas atividades, essa graduação conta com o apoio dos Institutos de incentivo à aprendizagem da língua alemã no Brasil, como o *Goethe Institut* e o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), os quais oferecem, além de uma estrutura institucional, como o envio de um Leitor assistente de língua, bolsas de cursos na Alemanha específicas para os professores da Casa de Estudos Germânicos (doravante CEG⁷) e estudantes da graduação, além das bolsas advindas do programa *Winterkurs* para acadêmicos de modo geral.

A Licenciatura em Letras com habilitação em língua alemã se apresentou como dupla habilitação (tendo como primeira habilitação o português) até o ano de 2003. Posterior a esse momento, o que se formulou foram cursos de habilitações únicas⁸ concomitante à formação da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas da UFPA (doravante FALEM). Anualmente o curso conta com cerca de 25 ingressantes ao ano, que frequentam, durante oito semestres, disciplinas de estudos em literatura, língua e cultura alemãs, além de disciplinas específicas em torno da formação de professores.

A estrutura do curso em si se fortaleceu bastante com a efetivação da habilitação em licenciatura única em alemão. Como exemplo, podemos citar a criação de projetos de extensão entre a graduação e a comunidade, como é o caso do Projeto de Extensão “*Resiliência no Ensino-aprendizagem da língua alemã na Amazônia: Interculturalidade e Inclusão Social*”⁹, o qual já se encontra em sua terceira versão e conta com sete bolsistas da graduação de alemão atuando em uma instituição de ensino para crianças em situação de vulnerabilidade social. Outro exemplo é o recente Projeto de Extensão “*Iniciação à língua alemã para alunos de Canto Lírico e Ópera do Conservatório Carlos Gomes*”¹⁰, que conta com duas bolsistas da Licenciatura em alemão. Uma conquista do

7 Quanto à estrutura organizacional ver artigo de Reiter neste mesmo volume.

8 Habilitações de Alemão, Inglês, Francês, Espanhol e LIBRAS.

9 Projeto coordenado pela Profa. Ma. Rosanne Castelo Branco.

10 Projeto coordenado pelo Prof. Me. Michael Arnegger.

ensino do alemão foi a abertura de vagas para professores efetivos na Escola de Aplicação da UFPA (doravante EA/UFPA), momento que possibilitou aos alunos de Licenciatura em alemão a concretização de suas disciplinas de Estágio I e Estágio II, o que não acontecia até 2012. Além de se configurar em uma importante conquista para a formação dos graduandos, pode-se contar com a iniciativa intitulada *PASCH: uma parceria para o futuro*, coordenada pelo Ministério das Relações Exteriores e implementada juntamente com a Central de Escolas no Estrangeiro (ZfA), o *Goethe Institut*, o Serviço de Intercâmbio da Conferência Permanente dos Ministros da Educação e Cultura dos Estados da República Federal da Alemanha (PAD) e o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). Esse projeto proporciona, tanto aos alunos da Escola de Aplicação quanto aos professores, aperfeiçoamento em torno das questões relativas ao ensino-aprendizagem de língua alemã, sobretudo com a oferta de encontros de formação continuada, capacitações diversas ou cursos com duração de três semanas na Alemanha.

Em 2011 foi ofertado, no Polo de Belém, um *Curso de Especialização a Distância: Teoria e Prática do Ensino de Alemão como Língua Estrangeira*¹¹ pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia em cooperação com o *Goethe Institut* e a Universidade de Kassel. Esta oportunidade proporcionou, assim, formação de dupla nacionalidade. Quatro participantes, três deles licenciados em alemão pela UFPA, obtiveram bolsa que custeava o valor total do curso. Essa é compreendida como mais uma iniciativa de formação continuada para os licenciados na região Norte em nível de interesse nacional e internacional.

Apesar desses esforços imprimidos por essas instituições, verificamos que há uma evasão acentuada no decorrer do curso de Licenciatura em alemão ofertado pela UFPA. Se no âmbito do ensino o lugar da língua alemã é negligenciado, nos parâmetros aqui apresentados, há um lugar em que a língua alemã é extremamente bem-vinda e rica: a pesquisa. Existem germanistas, aqueles estudiosos de áreas diversas do alemão, em várias das Faculdades da UFPA. Na Faculdade de Filosofia, por exemplo, temos professores que desenvolvem pesquisas em torno do pensamento

11 Sob orientação do Tutor Prof. Me. Michael Arnegger.

de Benjamin, Nietzsche e Heidegger, com teses defendidas na Alemanha. Há também uma base de pesquisa em língua alemã no Museu Emílio Goeldi, em Belém, lugar de importantes trocas entre pesquisadores, tais como biólogos, antropólogos, linguistas e, no campo das Ciências Naturais da Região Norte do Brasil, pesquisadores falantes de língua alemã, com publicações tanto em língua alemã, inglesa, espanhola quanto portuguesa no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi¹². Outro lugar de pesquisa em que a língua alemã está presente é o *Projeto Poema*, em parceria com a Fundação Heinrich Böll, com trabalhos focados em gestão ambiental das comunidades ribeirinhas da Amazônia e na capacidade da região de alcançar um patamar evolutivo no planeta muito diferente da sua situação atual. Outro projeto, mantido por uma entidade católica austríaca *Fastenaktion*, é a *ONG Ampliar*, que tem como foco principal a preocupação ambiental e a valorização artística, com sede própria e ampla em Mosqueiro¹³. No local há uma biblioteca pública que oferece à comunidade local diversos cursos e atividades socioculturais. Mencionamos aqui somente alguns dos diversos núcleos de pesquisa e interação social entre esses dois mundos, para ilustrarmos como a língua alemã está presente em diversos contextos em Belém. Nesses lugares, onde as formações são pensadas de forma a contribuir sócio e culturalmente para a região amazônica, observamos a interação entre as línguas e culturas alemãs e portuguesa/brasileira.

Nesse contexto de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, a Casa de Estudos Germânicos caracteriza-se como um centro importante de fomento aos estudos e aprendizagem sobre a língua e cultura alemãs a serviço dos pesquisadores supracitados. Integrada à FALEM/UFPA, vários professores-estagiários (graduandos) e professores licenciados em alemão ministram aulas nos cursos de língua do nível A1 até o nível B1 segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas, tendo como público-alvo alunos e docentes das diversas graduações ofertadas pela UFPA¹⁴.

12 <<http://www.museu-goeldi.br/editora/naturais/index.html>>

13 A Ilha de Mosqueiro é um distrito administrativo do município de Belém, localizada a 70 km de distância do centro de Belém.

14 Em maior número alunos dos cursos de exatas e das diversas Engenharias.

Nesse espaço, presenciamos um estímulo muito forte às pesquisas, pois acreditamos que esse enfoque tem se tornado, ao longo desses séculos de relações, uma das grandes potências da Amazônia no âmbito do ensino do alemão. Os discentes e docentes de diversos cursos da UFPA, ao buscarem conhecimento da língua com o objetivo de uma pós-graduação na Alemanha, ou mesmo um dos diversos programas de intercâmbios, atestam o papel importante que a pesquisa tem nesse processo de aprendizagem da língua alemã.

4. A Licenciatura como um *Leitmotiv* em perspectiva

A questão do motivo condutor dos ingressantes na Licenciatura em língua alemã foi alvo de uma pesquisa¹⁵ realizada na turma que iniciava em 2012 o curso de Graduação em Licenciatura plena em Letras com habilitação em Língua alemã na UFPA. Durante o primeiro semestre do curso, os alunos foram convidados a participarem da pesquisa, que se deu em formato de oficina sobre o tema “aprender a aprender”. Os encontros eram realizados uma vez por semana nas dependências da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM) da UFPA. Depois de três meses de intensas discussões em torno do tema autoavaliação e motivação, onze discentes que participavam da oficina se propuseram a participar da pesquisa ativamente e passaram a registrar, através de narrativas autobiográficas, suas motivações pela escolha do curso.

Consonante ao uso de expediente de narrativas em pesquisa, a referida pesquisa analisou qualitativamente dados narrados desses alunos. As narrativas atuam na formação do futuro professor como um momento de autoavaliação de sua formação, trazendo à luz de sua re-

15 Pesquisa desenvolvida pela Profa. Ma. Nair Vansiler, a qual integrou sua monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Tutor Prof. Ms. Michael Arnegger como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Especialização a Distância: Teoria e Prática do Ensino de Alemão como Língua Estrangeira. Título do trabalho: *Sinais de motivação na escolha do curso de germanística da UFPA: narrativas autobiográficas.*

flexão seu papel enquanto professor e o fazendo se perceber coparticipe tanto no processo de autoformação como também da formação de uma imagem de sua categoria profissional. Observar a história de cada aprendente através de suas experiências e seus olhares possibilita a esta pesquisa uma análise qualitativa das motivações que levam o alunado a escolher o curso em questão para a seleção de uma Instituição de Ensino Superior (IES). Decorridos três meses de oficina os alunos participantes escreveram um texto respondendo: *“Como foi seu trajeto até chegar à Universidade? Conte um pouco sobre suas expectativas perante essa nova etapa de sua vida”*.

A conclusão naquele momento foi de que todos os onze informantes tentaram, pelo menos por uma vez, uma vaga em uma Instituição de Ensino Superior (doravante IES), mas não foram aprovados. Assim, apostaram no curso de Licenciatura em alemão como uma nova possibilidade para a aprovação. Faz-se necessário observar que o curso de alemão tem uma das mais baixas notas para a aprovação. A maioria dos alunos aponta esse como sendo um dos motivos pela escolha do curso; seguida por grandes possibilidades de intercâmbio e novas perspectivas com relação à aquisição de uma nova Língua Estrangeira (doravante LE) para o mercado de trabalho de modo geral.

Como análise dos dados também foram depreendidos os sinais de motivação dos alunos por meio da análise dos dados coletados através da narrativa. Como sinais de motivação, referimo-nos às iniciativas tomadas pelos alunos perante a escolha do curso. Foram observados os sinais de motivação dos alunos durante a fase pré-acional (DÖRNYEI, 2000) na escolha do curso. Todos esses alunos atravessam o *Rubicão* munidos de seus desejos, avaliações das ações passadas e futuras e enxergam, do outro lado do rio, a possibilidade de alcançarem este *Objetivo real* (DÖRNYEI, 2000), o qual não necessariamente é o curso de licenciatura em alemão, mas ingressar em uma IES. O curso em questão funcionaria como uma etapa para a concretização de seus desejos.

Além disso, os onze informantes da referida pesquisa disseram que desejam fazer uma pós-graduação. Assim, observa-se que a primei-

ra opção, o curso de Germanística, é apenas uma estratégia de ingressar na IES por um curso menos concorrido, o que facilitaria o acesso a outros cursos através de um novo processo de mobilidade interna ou externa; na segunda opção, o aluno que assim procederá, utilizaria o título de graduado e dos conhecimentos da LE – alemão – para ingressar em uma pós-graduação, seguindo então com pesquisas na área de Letras ou mesmo em outras áreas que estejam em conformidade com suas novas expectativas.

Compreendemos como fase de avaliação o processo de escolha pelo curso de Letras-Alemão e sua continuidade nele ou não. Dörnyei (2000) propõe que é necessário manter e *proteger* o nível de motivação, pois sem isso essa motivação pode se esgotar durante o longo processo da aprendizagem de LE. A proteção da motivação neste caso pode ser encarada como as boas perspectivas de trabalho após a licenciatura concluída, o bom funcionamento do curso, com materiais que possibilitem a complexidade da aprendizagem de LE e ampliem a participação dos alunos. Sem a proteção necessária da motivação, alguns alunos optarão pela troca do curso, mas há os que o concluirão, conseguindo lidar com as variantes que os possam desestimular durante o período do curso.

Através da consciência inter-relacional entre indivíduos, o conhecimento é construído por uma rede de colaborações sucessivas, que favorecem as suas maturidades intelectual e humana. Nas palavras de Norbert Elias,

Todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. (ELIAS, 1994, p. 27)

Nesse fragmento de Elias (1994), depreendemos que, no caso desses alunos ingressantes, o processo de concretização de seus desejos e de suas expectativas se forma a partir de suas experiências pessoais, das realidades históricas de outros alunos que também deram forma ao

curso, assim como dos docentes e de suas expectativas perante o curso de graduação em alemão.

A possibilidade de troca de curso durante a Licenciatura de alemão foi cogitada por alguns alunos já nos primeiros meses do curso, causada, sobretudo, pela observação da falta de perspectiva de ensino de alemão na região. É fato que somente é possível lecionar alemão na educação básica na EA/UFPA, sendo este acesso somente através de concurso público e, no momento, a escola já conta com dois professores concursados. No mais, a Casa de Estudos Germânicos e outros dois cursos livres particulares de línguas em Belém são os outros locais de ensino do alemão, o que não é suficiente para absorver grande parte dos licenciados.

É salutar a reflexão sobre essa evidência para que possamos observar os pontos incipientes no que se refere às formações cultural e linguística na região Norte do Brasil como um todo. O que nos cabe nessa reflexão é apontar a inobservância, pelo próprio plano de formação da educação básica na região, das contribuições culturais, linguísticas, filológicas, dentre outras, de um mundo falante de alemão em relação com a Amazônia brasileira, tal como apresentadas no primeiro item deste trabalho, relações estas tão ricas e importantes nos diversos momentos de formação dos dois mundos. E nessa negligência, a língua alemã não integra o plano de disciplinas em nenhuma Secretaria de Educação de estados da Região Norte, e tampouco em nenhuma Secretaria de Educação dos municípios dessa região.

Situação que acreditamos que deve ser revisitada, uma vez que os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Estrangeira na Educação Básica preveem três fatores a ser considerados na escolha da LE a ser oferecida, a saber: fatores históricos, fatores relativos às comunidades locais e fatores relativos à tradição (BRASIL, 1998, p. 22). Em pelo menos dois desses fatores o ensino do alemão teria sua justificativa alcançada mediante os argumentos que defendemos com relação à longa tradição de relacionalidade da língua e da cultura germânicas com esta região.

Uma das iniciativas da FALEM/UFPA quanto à autonomia e motivação dos alunos dos cursos de Licenciaturas em Letras (habilitações

em alemão, espanhol, francês e inglês) é a oferta em seu Projeto Pedagógico (UFPA, 2009) da disciplina “Aprender a Aprender Línguas Estrangeiras”. Ministrada no primeiro semestre da Licenciatura para todos os graduandos das referidas habilitações, tem por objetivo, segundo as professoras Myrian Crestian Cunha e Walkyria Magno e Silva

analisar as crenças que os alunos já trazem para o curso; reelaborar os papéis do professor e do aluno; refletir sobre a influência da afetividade e da motivação; identificar as estratégias de aprendizagem já utilizadas e ampliar esse repertório; identificar os estilos de aprendizagem preferenciais dos alunos e ensiná-los a melhor forma de transitarem entre estilos diferentes de alunos e professores; aprender a planejar seu estudo e a auto-avaliar sua aprendizagem (CUNHA & MAGNO E SILVA, 2010, p. 672).

Uma segunda iniciativa em torno do aspecto de autonomatização do aprendente, a FALEM/UFPA instituiu a *Base de Apoio à Aprendizagem Autônoma* (BA3), a qual, segundo a coordenadora do projeto, Profa. Dra. Cristiane Machado¹⁶, é

entendida como um laboratório de aprendizagem, representa um avanço em relação à sala de aula ao sugerir maneiras diferentes de aprender línguas estrangeiras assim como ao propor espaços alternativos de aprendizagem de competência linguageira.

Fundamentada na teoria da autonomia (BENSON, 2001; DICKINSON, 1992), a referida Base acredita que a autonomia na aprendizagem deva ser possibilitada com o despertar no aprendente desta necessidade e torná-los mais conscientes de seu processo de aprendizagem. Em sua estrutura a BA3 conta com monitores e professores que propõem, com agendas fixas, atividades diversas para os alunos das diferentes licenciaturas em língua estrangeira da FALEM.

16 <<https://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=7364>>

Essas duas iniciativas apresentadas convergem para uma nova expectativa, na qual os Cursos de Letras com habilitações em LE ilustram, diante das demandas apresentadas, como uma importante ferramenta para os alunos superarem suas dificuldades em aprender a língua estrangeira no curso de Letras.

Observa-se que a BA3 é uma forma de manter e *proteger* o nível de motivação notada por Dörnyei (2000). Porém, o que se percebe é que, além da proteção da motivação por uma base de apoio, os alunos necessitam enxergar mais oportunidades de atuação ao término da licenciatura, para que o longo processo da aprendizagem de LE não se esvaia na avaliação de falta de perspectiva.

Faz-se necessário, nesse momento da reflexão quanto ao número de ingressantes e concluintes do curso de Licenciatura em alemão, um levantamento da atuação no mercado de trabalho desses licenciados. Na Casa de Estudos Germânicos encontram-se cinco desses docentes licenciados em alemão, assim como mais três licenciados em outros dois cursos particulares de alemão em Belém. Dois licenciados atuam como docentes de alemão fora da Região Norte e um licenciado atua como docente na EA/UFPA. Antes era técnico em tradução em uma multinacional em São Paulo, mas a demanda da escola proporcionou a abertura de uma segunda vaga nesta instituição, trazendo-lhe a oportunidade de atuar como professor. Uma outra licenciada é professora substituta na Licenciatura em alemão e também docente concursada de Educação Especial na Secretaria de Educação do Estado do Pará. Há ainda licenciados em Letras-Alemão que atuam como docentes em outras áreas, o que conquistaram devido a outras licenciaturas ou ainda à ampliação de sua atuação profissional através de uma pós-graduação. Por fim, trazemos como exemplo um licenciado que, após o mestrado em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPA) e aprovação em concurso, tornou-se docente na área de Linguística da Universidade do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

Além de suas atuações profissionais, obtemos dados acerca desses graduados em alemão apontando que sete são mestres em Letras, formados pelo PPGL/UFPA. Desses, dois atuam como docentes de alemão (o docente da EA/UFPA e a docente no curso de Licenciatura em

alemão/UFPA); duas são especialistas em Prática e Ensino de Alemão como LE pela UFBA e também atuam como docentes de alemão (uma é a docente da graduação de alemão/UFPA e outra docente em uma escola particular – Pedagogia Waldorf – no interior de São Paulo). Outros dois são mestrandos: sendo que um cursa Mestrado em Estudos Literários no PPGL/UFPA e atua como docente de alemão na CEG, e outra cursa mestrado em Alemão como LE na UFPR. Dos mestres, dois cursam seus doutoramentos em Belém pelo PPGL/UFPA e não atuam como docentes de alemão.

Dos quase 50 licenciados em alemão pela UFPA¹⁷, desde que o curso possui única habilitação, os acima citados são os que atuam em Belém seja como professores de alemão, seja com suas pesquisas voltadas para o pensamento, tradução e literatura alemãs. Os demais colegas graduados atuam em áreas distintas (taxista, turismo, *promoter*, etc). De outros não obtivemos informações sobre suas atuais atividades.

Esse contexto faz-se necessário para observarmos que, apesar da pequena quantidade de formandos no curso por ano, há em Belém uma quantidade de licenciados em alemão que não consegue atuar como docente em sua habilitação. Dessa forma, utilizam seu diploma de ensino superior para outros fins, exatamente como os alunos ingressantes em 2012, participantes da pesquisa anteriormente citada. Esse dado nos leva a acreditar que um círculo vicioso se inicia pela falta de oportunidades diretas que absorvam os licenciados em alemão em Belém e perpassa por uma baixa demanda no processo seletivo para ingresso no Curso de licenciatura em alemão, o que propicia a escolha pelo curso, em sua grande maioria, de alunos que procuram facilidades no ingresso em uma IES, levando a uma desistência em grande número dos alunos ingressantes. Esse ciclo vicioso, nada confortável, pode ter ainda continuidades desastrosas, caso apontemos para o financiamento público de um curso cuja demanda não é absorvida pela região de modo a satisfatório.

17 Exatamente 47. Informações da Secretaria da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (FALEM/UFPA)

5. Conclusão

Essa reflexão finda apontando o que a princípio parece ser uma contradição incontornável. Ou seja, uma licenciatura em língua alemã que dispõe de instrumentos e parcerias proeminentes, formando licenciados que, infelizmente, não conseguem ser professores na área que estudaram. O que existe atualmente é, da parte do governo federal, um investimento persistente para formar licenciados em alemão por um lado, mas que, por outro, a níveis estadual e municipal, encontram-se barreiras para disponibilizar esse investimento ao mesmo público que o financiou. Quer dizer, não há uma oferta contínua no sistema de ensino formal para professores de língua alemã. Isso é, a nosso ver, falta de compromisso com a diversidade linguística formadora da região, desconhecendo sua própria história. Referimo-nos aos planejadores das políticas públicas voltadas à educação básica e à necessidade cada vez mais crescente de se conviver com as diferenças, independentes das leis do mercado, pois acreditamos de forma imperativa no potencial da língua alemã nesta região, que, como vimos, nasce com total vocação ao universal.

A licenciatura em língua alemã, na prática, acaba por ser um instrumento apenas de divulgação da língua e culturas germânicas na Amazônia brasileira, sem efetiva troca relacional entre a língua alemã e a vernácula. É, a nosso ver, um cerceamento da reflexão crítica franquiado pelo contato diferencial por meio das línguas diversas em questão. Nesse sentido, percebemos um hiato no uso basicamente instrumental da língua, como um *bacharelado* formador de profissionais pesquisadores ou técnicos, visando o mercado de serviços como turismo ou uma carreira na pós-graduação.

Fica claro, portanto, o insucesso da licenciatura em língua alemã no Pará, pelo menos quando relacionamos o investimento injetado e o seu retorno na Educação Básica, como o esperado de um curso de licenciatura que se pretende ao dialogismo e a interculturalidade proposto, inclusive, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394/1996 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Uma retroalimentação que depende de vários atores atuando conjuntamente: UFPA;

Sistemas de Ensino Estadual e Municipal e iniciativa privada para que desse modo possamos ter um círculo virtuoso. Constatamos, infelizmente, apenas o esforço unilateral por parte da UFPA articulada ao governo alemão nessa tentativa de intensificação dos laços linguísticos, com recorrente oferta de bolsas de estudos tanto de alunos brasileiros que vão para Alemanha quanto de alunos alemães que vêm para o Brasil. Mas até quando? Desse modo a falta de perspectiva de ensino da língua alemã na região influencia na desistência de um grande número de ingressantes no curso de Licenciatura em alemão da UFPA, o que retroalimenta um ciclo vicioso nada agradável para uma região rica em potencialidades.

Mediante a tudo que foi dito, o fato de haver culturas envolvidas, há que se pensar necessariamente em uma cultura relacional, no caso cultura brasileira e alemã, construindo um espaço de convívio mútuo, o qual se dá por meio do aprendizado da língua alemã, dos que aqui aprendem, e da língua portuguesa, dos que de lá vem aprender. Línguas essas que são instrumentos de divulgação de conhecimento construído aqui e lá, que tematizam a Amazônia brasileira e seus desafios.

Referências bibliográficas

AYMORE, Fernando Amado. A contribuição dos Jesuítas “alemães” para o barroco e para a cultura “brasileira” na Amazônia colonial. In: BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard (org.). *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs*. São Paulo: Editora de Arte e Cultura, 2013, p. 35-46.

BENSON, Phil. *Teaching and researching autonomy in foreign languages learning*. Harlow, England: Pearson, 2001.

BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard (org.). *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs*. São Paulo: Editora de Arte e Cultura, 2013.

BOLLE, Willi; PINTO, Renan Freitas. O fascínio pela Amazônia: de Martius a Nimuendajú. In: BOLLE, Willi; KUPFER, Eckhard (org.). *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs*. São Paulo: Editora de Arte e Cultura, 2013, p. 93-108.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Estrangeira*, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf> (Acesso em: 15.01.2016).

CUNHA, Myriam Crestian Chaves da; MAGNO E SILVA, Walkyria Alydia Grahl Passos. 'Aprender a Aprender' uma disciplina geradora de autonomia na formação do futuro professor de línguas estrangeiras. In: *Anais do III Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas*. Taubaté: UNITAU, 2011, p. 626-639.

DICKINSON, Leslie. Learner Autonomy: What, Why and How? In: LEFFA, Vilson J. (org.). *Autonomy in Language Teaching*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994, p. 2-12.

DÖRNYEI, Zoltán. Motivation in action: towards a process-oriented conceptualization of student motivation. *British Journal of Educational Psychology*, v. 70, p. 519-538, 2000.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.